

A Caminho da República: Metáfora e Ironia na escrita de Lúcio de Mendonça

Autores: RODRIGUES, Márcio dos Santos; FONSECA, Bruna Juliane de Oliveira
Orientador: ARNAUT, Luiz (FAFICH/UFMG)

O objetivo deste trabalho é problematizar as fontes históricas não considerando apenas seus conteúdos explícitos. Parte-se do pressuposto de que forma e conteúdo são indissociáveis, ao demonstrar que a análise de determinados recursos de linguagem pode contribuir na compreensão do conteúdo e dos sentidos deste.

A partir de *A Caminho*, conjunto de crônicas de Lúcio de Mendonça (1854-1909), pretende-se perceber como figuras de retórica – como a metáfora e a ironia – podem ser reveladoras de determinados posicionamentos do autor diante de questões políticas da sociedade na qual ele se insere.

Procuramos entender como a escolha de um ou outra dessas figuras dialoga com o contexto e interfere no mesmo. Consideramos que os usos que o autor faz de uma e da outra seria algo que se efetiva numa experiência, num certo posicionamento diante de situações concretas (BAKHTIN). Nesse sentido, estas figuras podem ser um indício para compreender o lugar social do autor e também para quem ele fala. Objetiva-se ainda entender a rede de referências culturais de onde Lúcio de Mendonça retira essas figuras de retórica e como ele as modifica.

Esse trabalho se coloca dentro da perspectiva da história social da linguagem (BURKE) ao interrogar as fontes históricas em virtude das idéias, noções e informações que veiculam sobre determinados temas e/ou processos. Podemos ainda interrogá-las no que carregam de implícito, isto naquilo que expressam, que informou sua forma.



p.324-325

[...]

Se estes são remunerados pela renda do Estado, para os quaes contribuem, como quaesquer outros, os republicanos, não seria igualmente fundado afirmar que é contra a dignidade do monarchista aceitar e exercer cargos que os republicanos ajudam a estipendiar? Não será, por esse fundamento, contra a dignidade do sr. Senador S. M. receber um subsidio pago tambem pelo bolso dos republicanos?

Mas semelhantes afirmações são tristes puerilidades da parte de quem tem a presumpção de ser a primeira cabeça pensante de sua patria, senão de seu seculo.

E não ficou ahi a criancice do sr. Senador . [...]

No trecho acima, podemos inferir que o autor se vale da ironia e da metáfora da criança no sentido de provocar, desmobilizar moralmente alguém cujo modo de ser lhe desagrada e talvez esperar uma reação. Nesse sentido, a ironia e a metáfora são peças importantes no campo político. Expressariam um sarcasmo, uma zombaria maliciosa e, ao mesmo tempo, uma atitude deliberada que chama atenção para um estado de coisas que o autor, Lúcio de Mendonça, não concorda.

p. 421

[...] Se eu tivesse entre os meus compatriotas as condições superiores de genio e caracter para poder ser fundador dum culto, qual imaginam que fundaria? Não era o da republica , nem o da justiça ou da poesia, por mais que esses ideaies magnificos me seduzam o espírito e namorem o coração; o culto que eu fundava, era simplesmente o do banho frio.

p. 423-424

[...]

Quando, com a alma pesada de tristeza, contemplo este povo que vae apodrecendo na submissão e na inercia, na adoração covarde aos vencedores, no esquecimento dos martyres, no desprezo das victimas, na modorra do servilismo abdicante, aceitando de joelhos e de mãos postas os pratos feitos da providencia divina e da tutela do governo, sem paixão e sem revolta, sem uma impaciencia de liberdade e sem um brilho de atrevimento, o que me acode receitar-lhe, para os musculos flacidos, para os nervos dormentes, para a prostração indigna , não são principios generosos nem doutrinas excitantes, não é Voltaire nem Proudhon – é o banho frio, o vivo, o alegre, o nobre, o masculino banho frio.

A's aguas, cidadãos!

[...]

A ironia nos trechos acima seria construída quando o autor, Lúcio de Mendonça, responde a pergunta por ele mesmo proposta com algo que o leitor tampouco esperaria: *um banho frio*. Caso o leitor saiba quem é o autor – alguém que posicionava como republicano – nada mais irônico do que fundar um culto baseado simplesmente no banho frio. O *banho frio* apareceria como um recurso metafórico utilizado pelo autor para se pronunciar sobre a sociedade na qual se inseria – indicando, ao mesmo tempo, um estado de coisas que tanto lhe desagrada e as condições, no seu entendimento, necessárias para a sua mudança .

Apoio:

